



Em  Sociedade

REPRODUÇÃO ARTÍSTICA MUSICAL NO CENÁRIO DA PANDEMIA DE COVID-19

Regina de Paula Medeiros¹
Gabriel Juan de Oliveira Cunha²
Caio Buono Torres³

¹ Doutora em Antropologia Social pela URV – Espanha. Professora do departamento de Ciências Sociais da PUC Minas. repameca@pucminas.br

² Aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas. gabrieljuanoc@gmail.com

³ Aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas. caiobuono@gmail.com

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar uma pesquisa sobre a expressão artística, particularmente da música, moldada com caráter particular no cenário contemporâneo, marcado pela pandemia mundial causada pela Covid-19. O objetivo é analisar o cenário artístico musical que se formou durante a extensão da pandemia causada pelo novo coronavírus, com enfoque na representação artística da realidade experienciada pelos artistas e a sua relação com as experiências individuais no contexto do isolamento social. O estudo foi realizado no período de isolamento social, particularmente nos meses de maio e junho de 2020. Foram analisadas as redes sociais, os fóruns de debates anônimos e não anônimos, os sites e os grupos musicais. A partir do material obtido em campo, foram selecionadas 11 músicas nacionais e internacionais. Conclui-se que a música, especialmente no momento escolhido, é capaz de contribuir para a identificação de diferentes agrupamentos sociais nos mais diversos territórios do mundo. Pode-se afirmar que a música tem um significado específico e é uma ferramenta política e social. Nesse contexto mundial tão peculiar e sem precedentes, pode reduzir as mazelas e as vulnerabilidades ao apontar que o altruísmo é possível, representa alívio para os seres humanos e pode contribuir para a construção de laços sentimentais afetivos e sociais, ainda que por meio do sofrimento social.

Palavras-chave: Isolamento. Música. Pandemia. Redes sociais.

Abstract

The purpose of this article is to present a research on artistic expression, particularly music, shaped with particular character in the contemporary scenario, marked by the world pandemic caused by Covid-19. The objective is to analyze the musical artistic scenario that was formed during the extension of the pandemic caused by the new coronavirus, focusing on the artistic representation of the reality experienced by the artists and their relationship with individual experiences in the context of social isolation. The study was conducted during the period of social isolation, particularly in May and June 2020. Social networks, anonymous and non-anonymous discussion forums, websites and music groups were analyzed. From the material obtained in the work field, 11 national and international songs were selected. It is concluded that music, especially at the chosen moment, is able to contribute to the identification of different social groups in the most diverse territories of the world. It can be affirmed that music has a specific meaning and is a political and social tool. In this so peculiar and unprecedented world context, it can reduce ills and vulnerabilities by pointing out that altruism is possible, represents relief for human beings and can contribute to the construction of affective and social sentimental bonds, even through social suffering.

Keywords: Isolation. Music. Pandemic. Social networks.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir a expressão artística, particularmente da música, moldada com caráter particular no cenário contemporâneo, marcado pela pandemia mundial causada pelo novo coronavírus. Entre as diferentes expressões artísticas, escolhemos a música a partir da observação de um cenário urbano de isolamento social, que provoca nas pessoas sentimentos de solidão, incertezas, inseguranças e ameaças, e expressas pelas reportagens midiáticas nas redes sociais e nas relações cotidianas.

É possível observar, particularmente nas grandes cidades, as incessantes buscas por alternativas para minimizar esses sentimentos, seja pela interação social por meio das redes sociais (as *lives* com conteúdo variado, as repetições de jogos de futebol e de telenovelas, das comunicações por vídeo chamadas), seja em caráter particular com as academias improvisadas nas casas. Enquanto as ruas das cidades estão vazias e com pouco ruído de automóveis e de vozes, é possível perceber e escutar as músicas que saem das janelas de prédios, tocadas nas varandas das casas ou nas salas vazias de teatros, nas *lives*, em gravações ao vivo e disponibilizadas nas redes sociais, entre outras.

A música, na era da pandemia que engloba o mundo inteiro, é tocada, ouvida e provoca efeitos diversos como promover alegria para os dias tristes e angustiantes, tranquilizar os corações, entreter para transformar ambientes sombrios, despertar a paz e bons sentimentos, potencializar o desenvolvimento humano, disseminar informações de conteúdo informativo sobre as doenças e meios de prevenção e despertar as criatividades produtivas. A arte, em especial a música, é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e transformar o mundo em que vive (FISCHER, 1983), sobretudo no momento de incertezas, como é o da pandemia.

Diante desse cenário, surge uma questão: qual é o significado da música no período da pandemia? Antes de abordar o tema específico, vale a pena refletir sobre a arte.

A arte surgiu há milhares de anos com o propósito de representação e compartilhamento de uma realidade experimentada pelo indivíduo que a produziu. Tornou-se, assim, uma forma de comunicação não verbal e subjetiva, que pode servir como uma forma de transmitir sentimentos, ideias, experiências ou, ainda, como maneira de comunicar, contar e registrar histórias.

Entre os inúmeros modelos de representação artística que vão desde as artes gráficas, audiovisuais, ou até mesmo coreográficas, optou-se por priorizar a música como objeto de estudo devido ao fato de que ela é considerada uma linguagem universal. Não somente quanto a sua existência e importância nas mais diferentes sociedades do mundo, mas pela singularidade que expressa de acordo com a lógica de construção cultural de cada contexto em particular. A música assumiu a expressão da própria vida. “A vida sem a música é simplesmente um erro, uma tarefa cansativa, um exílio” (NIETZSCHE, 1888 *apud* DIAS, 1994, p. 11).

2.METODOLOGIA

Na sociedade contemporânea, principalmente a partir do avanço tecnológico, grande parcela das pessoas tem acesso às múltiplas informações, inclusive sobre música, vindas de todas as partes do globo terrestre, pela mídia ou por busca própria. Nesse contexto, a música, como forma de expressividade, ganha um caráter mundial, mesmo com as divergências das formas sonoras e ritmos.

Weber (1995) explica em *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*, sobre a sonoridade no oriente e a sonoridade ocidental, que a música ocidental seria harmonicamente racionalizada, ao contrário da oriental, que dá maior importância à melodia. Entretanto, isso nos traz novamente à ideia de que a música é uma linguagem universal. Na sociedade contemporânea ou mundo pós-globalização, os ritmos e as melodias ultrapassaram as fronteiras e passaram a ter menor segregação entre elas e maior consistência como um único arquétipo artístico, marcado por ramificações ao invés de desunião ou especificidades marcantes. Entretanto, ainda assim possui características distintas.

A identificação das origens das melodias ainda é possível de se traçar com os diferentes arranjos, instrumentos (DAS, 2006), tons entre outros aspectos. Há também o caráter técnico e teórico musical que nos possibilita entender como, através da técnica e do estudo da música, seja possível, por meio de novos arranjos e módulos musicais, criar uma atmosfera completamente diferente, produzindo sons que remetem a sentimentos e sensações distintas na percepção do ouvinte.

O teórico de jazz e pianista George Russel (2001), em seu livro *Lydian chromatic concept of tonal organization*, afirma que a melhor maneira de reconhecer os mais profundos sentimentos e sensações não se baseia simplesmente em compreender o conceito de cada

Modo⁴. É preciso senti-los internamente e usar essas relações sonoras, juntamente com a experiência e vivência do músico, agregando na melodia todas essas variadas atmosferas, para que possam ser sentidas e absorvidas pelo ouvinte.

Vale ressaltar que a música reporta ao som e ao movimento como forma de manifestação que, como qualquer outra maneira de comunicar-se, constrói, além da linguagem, combinações simbólicas comunicativas possíveis de serem codificadas, decodificadas e interpretadas em um contexto particular. Nessa perspectiva, teóricos de diferentes áreas e, em particular, no campo da antropologia, têm desenvolvido estudos sobre o tema, por conceber a música e a musicalidade como um código cultural, capaz de agregar significados e formas de manifestação de crenças e identidades construídas em contextos específicos (LÉVI-STRAUSS (1978); SEEGER (1987; 1992) com o método de estudo denominado etnomusicologia (PINTO, 2001; OLIVEIRA, 2001; DE CRUCES VILLALOBOS, 2001, entre outros), e em 2001 foi criada a Associação Brasileira de Etnomusicologia.

Para a pesquisa, a metodologia utilizada foi a qualitativa, com a técnica de análise das letras de músicas nacionais e internacionais que remetiam de forma direta ou indireta à situação social da pandemia de Covid-19 causada pelo novo coronavírus. Foram utilizadas as redes sociais, especialmente as interações postadas no Facebook; a leitura e análise dos sites de músicas gravadas em diferentes partes do mundo que apresentavam conteúdo que expressavam a situação da referida pandemia. Foram também observadas as interações do grupo Sinewave⁵ que surgiu a partir de uma produtora musical independente brasileira e se tornou um ponto de referência para encontro virtual de diversos artistas independentes brasileiros e entusiastas sobre o assunto. Foram também priorizados os fóruns de debates anônimos e não anônimos na internet, como o fórum do 4Chan⁶, e do site CifraClub⁷, que foram de suma importância para a realização deste propósito. Isso nos permitiu conhecer a diversificação de estilos musicais e compreender diferentes gêneros de melodias.

⁴ Nome que se retoma às distintas estéticas musicais de cada região da Grécia Antiga, que se denominou Modos Gregos.

⁵ É um selo de música independente brasileiro de música *underground*, criado em 2008. Já lançou mais de 200 trabalhos de mais de 90 artistas, sendo também produtor de festivais e publicações sobre assuntos relacionados à música brasileira.

⁶ É o maior fórum anônimo do mundo, dividido em diversos segmentos, em que utilizamos o /mu/. É a seção com debate estritamente sobre música e teorias musicais.

⁷ É uma plataforma *online* para o compartilhamento de cifras musicais para aqueles que pretendem aprender alguma canção e possui um extenso fórum não anônimo de debate.

No que se refere à música brasileira, optou-se por três músicos independentes consagrados e por uma compositora brasileira com carreira consolidada. No quesito música internacional, foram priorizados quatro artistas/grupos internacionais com carreira solidificada.

O estudo empírico foi feito no período que compreende os meses de maio e junho de 2020, buscando atentamente um conteúdo musical prioritariamente de melodias e letras de canções com o tema associado à pandemia. Para a análise do material e das informações obtidas, foi feita uma leitura analítica tomando como base os nossos conhecimentos musicais apoiados nos estudiosos da teoria musical.

De todo material obtido na pesquisa empírica, foram selecionadas 11 melodias. As músicas internacionais escolhidas são: “Isolation”, da banda Joy Division; “Apocalyptic”, da banda Puscifer; “Isolation”, da banda Two Door Cinema Club (John Lennon) e “Keep raving”, do DJ Wax Motif. Já as nacionais são: “Lavar as mãos”, de Arnaldo Antunes; “Tiu-ba-la-queiba”, de Marcos Valle; “Navegar de Novo”, composta por Arnaldo Baptista; e três músicas (“O que temos”, “Ninguém na rua” e “Tive notícias”) do recém-lançado álbum “Só”, da cantora e compositora Adriana Calcanhotto.

“Isolation”⁸, do ano de 1980, é uma canção da banda inglesa de pós-punk Joy Division (notoriamente conhecida por suas músicas que abordam temas melancólicos como a instabilidade emocional e situações que traumatizaram a vida do vocalista e letrista da banda, Ian Curtis). Ao escrever a canção, o autor revela como sua angústia pessoal o tornou uma pessoa socialmente isolada e alienada. Mesmo após 40 anos da morte de Ian Curtis e a música ser da década 1980, ela surpreendentemente se mostra muito atual. Todas as recomendações das autoridades sanitárias hoje são de evitar a aglomeração, o contato com outras pessoas e de preferentemente o indivíduo “fique em casa”, como postado com frequência nas redes sociais. A sensação é de insegurança e angústia.

Observa-se que, com o surgimento da pandemia de Covid-19 causada pelo novo coronavírus, a música soa como se fosse uma premonição dos eventos que viriam a ocorrer 40 anos depois. As pessoas se encontram separadas umas das outras fisicamente, como é possível ver nas seguintes passagens. O verso que inicia a música é escrito assim: “Com medo todo dia, toda noite”⁹ (CURTIS, 1980). Algumas estrofes depois, a canção segue com outros versos

⁸ Do inglês, isolamento.

⁹ “In fear every day, every evening”. Todas as traduções deste artigo são livres e foram feitas pelos autores do artigo.

impactantes: “Rendido à autopreservação / Dos outros que cuidam de si mesmos”¹⁰. E o refrão que quase numa súplica de ajuda se repete a palavra que intitula a música: “Isolamento, isolamento, isolamento”¹¹ (CURTIS, 1980).

Eles indicam que o isolamento social já era uma realidade na década de 1980. Pelo menos para os que já possuíam uma inclinação para isso, ainda que não por vontade própria. Mas o fato de se distanciar, provoca uma dor emocional, como é possível ver nos versos a seguir: “Uma cegueira que flerta com a perfeição / Mas dói como qualquer outra coisa”.¹² E em: “Mãe eu tentei, por favor acredite em mim / Eu estou fazendo o melhor que eu posso / Eu tenho vergonha de tudo o que eu tenho passado / Eu tenho vergonha da pessoa que sou”¹³ (CURTIS, 1980).

No cenário brasileiro, a tristeza também é contemplada nas músicas, como o Rock triste contra o coronavírus¹⁴. Dentro do cenário de bandas independentes brasileiras atuais existe um nicho intitulado pelos fãs de “rock triste”, que é uma tentativa da base de fãs desse gênero para explicar comportamentos dos artistas. O rock triste recebe influência de bandas inglesas de *shoegaze*¹⁵, *post-rock*¹⁶, *dreampop*¹⁷ e até mesmo da música popular brasileira.

O título “rock triste” é devido ao fato de que grande parte dessas bandas utilizarem arranjos e módulos que sintetizam sentimentos mais obscuros e melancólicos. São também temas de cunho mais introspectivo e sentimental, sempre representados de formas extremamente intimista, e com letras que permeiam questões existenciais, questionamentos filosóficos sobre a vida, as relações humanas, a juventude, amadurecimento etc.

¹⁰ “Surrendered to self-preservation / From others who care for themselves”.

¹¹ “Isolation, isolation, isolation”.

¹² “A blindness that touches perfection / But hurts just like anything else”.

¹³ “Mother I tried please believe me / I'm doing the best that I can / I'm ashamed of the things I've been put through / I'm ashamed of the person I am”.

¹⁴ Movimento musical que surgiu após a pandemia com intuito de auxiliar pessoas vulneráveis com a integração de movimento social da ação do Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas.

¹⁵ Gênero musical que surgiu no fim da década de 1980 e que tem como principal característica o uso de pedais de distorção. Eles ficam no chão e os músicos passam a maior parte do tempo com a atenção direcionada a eles. Daí o nome de “shoe”, sapato, e “gaze” de fitar, o que remete a esse gênero uma atmosfera introvertida causada também pelos seus arranjos que criam uma “parede sonora” e pelos vocais quase inaudíveis. Os músicos estão mais preocupados com a atmosfera criada do que com a própria estética.

¹⁶ Gênero musical surgido no fim da década de 1980, utiliza os instrumentos convencionais do rock clássico e instrumentos eletrônicos com o intuito de desenvolver novas ambientações, experimentações, timbres e texturas, e com a utilização de crescendos, que podem aumentar ou não o tom e o volume das músicas. É também notoriamente conhecido por suas músicas de longas durações.

¹⁷ Gênero musical que surgiu no fim da década de 1980, é uma junção do rock alternativo e do gênero chamado de neo-psicodelia. As músicas possuem geralmente uma melodia doce e romântica, com a preocupação musical com as atmosferas e texturas ambientais que são etéreas, assim como os vocais, quase oníricos.

Com a chegada da pandemia da Covid-19 no Brasil, uma parcela grande desses músicos e bandas se uniram por uma causa chamada “Rock triste contra o coronavírus”¹⁸. A iniciativa é sem fins lucrativos para os participantes e reúne artistas que fazem apresentações para angariar fundos para a ação do Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas. O intuito é de ajudar a combater as mazelas da Covid-19 onde as pessoas mais vulneráveis em nossa sociedade se encontram.

A ideia surgiu dos membros da Geração Perdida de Minas Gerais¹⁹, tendo como principal mentor um de seus fundadores, o músico Vitor Brauer, membro das bandas Lupe de Lupe, Xóó e Desgraça. E, desde então, eles têm lançado um *cover* por semana, sempre às sextas-feiras, desde o dia 03/04/2020, de músicas que tenham alguma relação direta ou indireta com o momento que o país se encontra e os sentimentos que todos têm experienciado nessa ocasião.²⁰

3. COVERS E ANÁLISE DO MATERIAL

2.1 MÚSICAS BRASILEIRAS

Serão feitas análises de algumas partes das músicas citadas que já tiveram um *cover* lançado. A primeira é a canção “Lavar as Mãos”, de Arnaldo Antunes. A música ficou famosa na década de 1990, principalmente por ser uma canção feita para conscientizar as crianças sobre os modos de higiene, sendo televisionada pelo programa *Castelo Rá Tim Bum* da TV Cultura. O interessante é como ela é feita com arranjos maiores para criar um ambiente mais acolhedor e convidativo para as crianças, com ritmo “alegre” e letra de conteúdo educativo:

¹⁸ Estão sendo aceitas doações e contribuições de quaisquer formas. Todas serão diretamente enviadas para o Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas. Para mais informações acesse: <https://rocktristecontraocoronavirus.bandcamp.com/releases>

¹⁹ É um selo inicialmente musical criado em 2013 pelos músicos Jonathan Tadeu e Vitor Brauer na cidade de Belo Horizonte. Já lançaram mais de 20 grupos musicais e também artistas gráficos e escritores.

²⁰ Até o presente momento em que este artigo está sendo escrito, já foram lançadas as seguintes canções. A primeira é de um dos idealizadores, Vitor Brauer - Lavar as mãos (Arnaldo Antunes *cover*). Depois as seguintes: Grupo Porco - Amanhã vai ser pior (Facada *cover*); Soft Porn - Tiu-Ba-La-Quieba (Marcos Valle *cover*); Tuyo - Até que durou (Péricles *cover*); Amandinho - War pigs (Black Sabbath *cover*); Não Não-Eu - Solidão (Alceu Valença *cover*); Emerald Hill - Home (LCD Soundsystem *cover*); Fernando Motta - Navegar de novo (Arnaldo Baptista *cover*).E ainda há os seguintes artistas e bandas a disponibilizarem sua contribuição: Bruna Mendez; Celso e Mafius; Eliminadorzinho; Theuzitz; Fogo Caminha Comigo; Coisa Horrrosa; Wagner Almeida e Avenoá; Chico de Barro; Trash no Star; Aiyé; Terno Rei; Tom Ganguê; Paola Rodrigues; La Leuca; Born to Freedom; Brvnks e Lupe de Lupe.

Depois de brincar no chão de areia a tarde inteira / Antes de comer, beber, lamber, pegar na mamadeira / Lava uma (mão), lava outra (mão) / Lava uma, lava outra (mão) / Lava uma / A doença vai embora junto com a sujeira / Vermes, bactérias, mando embora embaixo da torneira / Água uma, água outra / Água uma (mão), água outra (ANTUNES, 1995).

De certa forma, essa é uma canção que apenas ficou no subconsciente do brasileiro. Ficou esquecida por anos, até mesmo pelas crianças da década de 1990 que cresceram ouvindo e cantando a música. No entanto, ela nunca foi tão pertinente, não só para crianças, para quem foi inicialmente concebida, mas para a população em geral. O *cover* foi feito pelo artista Vitor Brauer. A canção ganhou uma nova roupagem com a alteração de alguns instrumentos. Apresenta sintetizadores mais ambientais e baterias mecânicas que dão um tom mecanizado e sem muita expressão, praticamente uma desumanificação do som. A adição de *reverbs*²¹ cria um clima mais pesado, com uma atmosfera mais amadurecida. Não é tão convidativa, porém é sóbria, com instrumentais que remetem a sentimentos opostos ao da versão original. Algo que pode nos causar um sentimento melancólico. O objetivo é lembrar e instigar todos, principalmente os adultos que eram crianças ou não na década de 1990, a seguirem o protocolo de higiene para se manterem protegidos contra a contaminação e disseminação da Covid-19, tirando todo esse aspecto de sentimentos positivos e mostrando como o compositor se sente em relação à pandemia.

A canção de Marcos Valle, do renomado álbum de 1973 *Previsão do Tempo*, intitulada “Tiu-ba-la-queiba”, é uma obra em que o interlocutor do texto “conversa” com uma pessoa que lhe é querida, e o avisa sobre os perigos dos danos causados pelo mal-estar mental e da negligência da sociedade perante os problemas emocionais pelos quais as pessoas passam e podem transformar uma pessoa comum em alguém totalmente desordenado. É o que se pode observar logo no início da canção: “Cuide da cabeça com muito amor / Cuide dessa cuca com muito amor / Eu tenho um amigo muito legal / Não cuidou na cuca e acabou mal” (VALLE, 1973).

Essa música é parte de um conjunto clássico de composições de 1973. Mas foi um disco esquecido com o passar dos anos, assim como os problemas de saúde mental representados na referida música. Hoje em dia ainda é relevante e, por isso, é retomada pela banda baiana Soft Porn.

²¹ Reverberação, na psicoacústica e acústica, é um efeito gerado pelas ondas sonoras quando se refletem de forma reiterativa. É o resultado natural das ondas sonoras refletindo contra as superfícies.

A característica de Bossa Nova do álbum cria um ambiente de relaxamento e quase esquecimento intencional do autor para mostrar o quanto somos propícios a não nos preocuparmos com essa questão tão essencial que é mascarada pelo refrão repetitivo tão comum às músicas populares: “Tiu-ba-la-quiêba / Un-la-cadaê / Será besteira, bobeira? / Não é que deu bobeira, asneira, besteira? / Não é que deu besteira, bobeira, asneira? / Não é que deu asneira, besteira, bobeira? / Não é que deu?”. (VALLE, 1973).

Então o valor da canção foi retomado pelo grupo Soft Porn. Uma canção que originalmente é feita com arranjos de violão e percussão que remetem a um certo calor tropical acolhedor. Agora é revivida com uma nova personalidade muito mais sóbria e obscura. A partir de instrumentos eletrônicos e sintetizadores, e principalmente o vocal carregado de reverberação, apresenta um tom robótico e impessoal que remete aos sentimentos negativos que cada indivíduo tem experimentado durante o período isolamento social. Cria ambientações e experimentações sonoras muito distintas da original, trazendo de volta o debate essencial sobre a importância dos cuidados da saúde mental.

O distanciamento físico, social e a pandemia já se mostraram extremamente negativas para a saúde do humano como ser coletivo e funcional. Um artigo científico chamado *Mental Health and the Covid-19*²² do site Journal of Medicine²³, escrito por Betty Pfefferbaum²⁴ em 2020, comprovou que os sintomas de estresse, depressão, ira, insônia, irritabilidade, medo, angústia, paranoia, confusão, frustração e outros tiveram uma enorme ascensão durante o período da quarentena e ainda persistiram após a flexibilização do isolamento social. Isso reforça ainda mais a importância dessa música composta e escrita por Marcos Valle. É preciso “cuidar das nossas cabeças” e ajudar o próximo a cuidar da dele também. Resgatar essa canção é algo mais que necessário, pois é preciso estar atento ao bem-estar das pessoas e de suas mentes.

A terceira e última música do projeto “Rock triste contra o coronavírus” é a música originalmente composta e escrita pelo artista Arnaldo Baptista, ex-membro da banda pioneira na Psicodelia, Os Mutantes, e participante ativo da fundação do movimento da Tropicália. A canção objeto de análise é intitulada “Navegar de Novo”, de um dos discos solo dele de 1974 -

²² A Saúde Mental na Pandemia da Covid-19.

²³ Jornal da Medicina.

²⁴ Doutora em Psiquiatria pela Universidade da Califórnia, professora de Psiquiatria no Departamento de Psiquiatria e Ciências Comportamentais no Centro de Estudos do Cuidado à Saúde na Universidade do Estado de Oklahoma.

“Lóki?”. É uma canção de arranjos simples, que flerta com ideias do *jazz*, tocada inteiramente no piano e cantada em tempos²⁵ melancólicos, com ar de simplicidade musical. Entretanto, ao prestar atenção na letra, podemos ver a complexidade e genialidade por trás da canção, que sintetiza diversas questões sociais muito importantes na nossa sociedade e que até hoje ainda são debatidas em meios acadêmicos e midiáticos. Por exemplo, nos trechos a seguir: “Todo mundo vai notar / Que o futuro está em nossas mãos / Está muito claro / Que eu estou do seu lado / Já faz muito, muito tempo agora / Que a humanidade chora / De vontade de sair”. (BAPTISTA, 1974).

Nesse trecho, notamos que o autor ressalta que o futuro está nas mãos da humanidade, e que precisamos estar unidos como uma só unidade da humanidade. A ideia de estar preso em casa dificulta a execução de um plano superior de mudança da nossa realidade e a angústia que essa situação provoca é generalizada e germina a dor. Em seguida, ele aborda conceitos sobre como o mercado capital passa por cima do indivíduo com sua voracidade. Desde as coisas mais supérfluas como bens materiais até as questões essenciais para a vida humana, como os alimentos e bens de limpeza individual que tiveram aumentos exorbitantes de preço durante a pandemia²⁶, e as moradias populares. Podemos notar isso nos versos a seguir: “Está muito claro / Que está muito caro / O modelo do meu carro / Que eu comprei só a seis meses / E que já está fora de moda”. (BAPTISTA, 1974).

Apresentando a ideia da resiliência programada para os bens materiais e complementando a ideia dela para os humanos a partir da perspectiva de que somos perecíveis e que a vida é negociável: “E que está muito dura a vida / Nesta cidade de São Paulo / Com meu bem fui ao cinema / Não me deixes tão sozinho / Por que não se instalam núcleos / Habitacionais menores / Pra haver maior descentralização / Para existir o verde / Pra haver espaço”. (BAPTISTA, 1974).

Essa passagem é o retrato da preocupação com o espaço urbano que a urbanização brasileira e a concentração de casas em encostas das cidades. Cada vez com menos espaço, maior contingente de pessoas e maior demanda por habitação, criou-se um espaço urbano de grande densidade populacional, onde as pessoas vivem muito próximas às outras, aumentando a chance de contaminação e proliferação de doenças, vírus e bactérias. Esse é um dos motivos

²⁵ É a duração de cada unidade de compasso e o movimento executado em cada trecho da partitura.

²⁶https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/08/interna_politica,843277/senadores-querem-proibir-o-aumento-de-precos-durante-pandemia.shtml

de maior preocupação brasileira em termos sanitários nos tempos de quarentena. A vulnerabilidade em que essas pessoas se encontram aumenta ainda mais as possibilidades de contágio em massas nessas regiões periféricas.

É possível observar também uma preocupação com o planejamento urbano que, da forma como é, causa dor e angústia ao eu-lírico, que se questiona a razão pela qual a cidade não pode ser melhor, diferente. Uma cidade que incite a felicidade em seus habitantes, ao invés da exclusão, segregação e tristeza. Mas ainda assim termina com uma inspiradora ideia de um futuro melhor para o país. “Por que não ter confiança / Num Brasil que ainda é criança / E que um dia, eu espero / Ainda vai se abrir / Conquistar o espaço / Navigaire²⁷ de novo”. (BAPTISTA, 1974).

O *cover* dessa música foi feito pelo músico mineiro Fernando Motta, também integrante do selo da Geração Perdida de Minas Gerais. Ele segue a premissa dos outros artistas de restaurar a memória dessa obra, dando a ela outro perfil. Devido à pandemia, os sentimentos dele são expressos por meio dos arranjos que compôs, usando puramente a harmonia vocal como carro-chefe e que se assemelha muito aos cânticos católicos, criando uma atmosfera mais obscura, retida, remetendo ao místico, lúgubre e impalpável.

Continuando a análise dos artistas brasileiros, destaca-se o recém-lançado álbum da cantora e compositora Adriana Calcanhotto, intitulado “Só”, em que nos ateremos a apenas às músicas que nos servem como objeto de estudo. Todas as canções desse trabalho são de um estilo já moldado dentro da música popular brasileira, com apenas algumas divergências e experimentações que serão citadas a seguir. A primeira faixa a ser abordada é “O que temos”: “Deixa eu te espiar / Finge que não vê / O que temos são janelas / Em tempos de quarentena / Nas sacadas, nos sobrados / Nós estamos amontoados e sós.” (CALCANHOTTO, 2020).

É uma faixa com base nos instrumentos tradicionalmente utilizados nas canções de MPB (cordas e percussão). Porém, nessa faixa, instrumentos eletrônicos criam uma ambientação mais frígida. O piano, que contrasta com os outros instrumentos, revela um tipo de ode à melancolia da isolamento vivida nessa quarentena do coronavírus, reforçada com os versos criados pela cantora. Na faixa seguinte, a música “Ninguém na rua”, se caracteriza pela maior experimentação musical. A presença da percussão cria um tipo de batida semelhante aos ritmos do funk carioca e até mesmo os tipos de percussões originários da Bahia, produzindo um ritmo

²⁷ “Navigare necesse, vivere non est necesse.” Ou “Navegar é preciso, viver não é preciso”, famosa frase do general Romano Pompeu, no Século I a.C. utilizada para encorajar seus marinheiros.

que nos remete a sentimentos de festividades, fortemente contrastando com o uso dos instrumentos de sopro, que produzem uma melodia de característica tragicômica.

Isso reforça o sentimento melancólico por meio da letra, que possui aspectos nostálgicos e solitários. Vejamos: “Ninguém na rua nem mesmo a luz da lua / Eu e você no pensamento / Eu e você no batidão do peito / Sua beleza passando / Passando na cabeça / Como as estrelas passando / Ainda que amanheça”. (CALCANHOTTO, 2020).

A terceira faixa é nomeada “Tive notícias”, uma canção muito interessante, pois remete ao isolamento social, ao fardo do passado, juntando duas emoções humanas que são, em sua maioria, melancolia e a sonoridade que evidencia a sua tristeza particular. A música começa com um violão em notas baixas, preparando um ambiente melancólico, que vai sendo construído com a adição de instrumentos de sopro, até por fim se estabelecer com a adição de uma batida soturna.

Eles se casam com a letra da canção, produzindo um efeito que soa como um lamento da dor de um passado que foi intensificado com a dor do presente devido ao isolamento físico que não impede o fluxo de informações possíveis pelo uso da tecnologia. “O coração não sente nada / Do que não quer enxergar / Tive notícias suas / Sem nem perguntar / O coração de quarentena / Na quaresma, nas tréguas E tive notícias suas / Num mundo de notícias”. (CALCANHOTTO, 2020).

A quarta e última música a ser analisada do álbum “Só”, de Adriana Calcanhotto, é a “Bunda Le Lê”, que apresenta um trocadilho com o verbo “ler”, utilizado com outra conotação na canção. É de longe seu trabalho mais distinto, contando com a presença do produtor musical carioca Dennis DJ, que tem a carreira dedicada à produção de funk carioca. Nessa faixa, o funk predomina como ritmo.

Na música, tanto a melodia quanto a letra soam como um suspiro de esperança e direcionamento para o ouvinte, encerrando o seu trabalho com uma mensagem de força, apoio, resistência e apontando alternativas com bom humor para superar os tempos de quarentena e instabilidade política. Uma branda mensagem de conteúdo educativo, como nos versos a seguir: “É o funk da quarentena (da quarentena) / O que que faz na quarentena?” “Senta, senta, senta, senta” “Senta a bunda / Senta a bunda e estuda” “Senta a bunda e lê lê / Senta a bunda e vai à luta / Senta a bunda e vai” (CALCANHOTTO, 2020).

É possível observar que, diante da impossibilidade de realizar qualquer atividade que não seja essencial fora de casa, é recomendado utilizar de criatividade para ganhos secundários

enquanto estiver ou ficar em casa. Ler e estudar podem ser afetados à formação intelectual, política e social, escapando assim da acomodação e ceticismo recorrente nos discursos dos cidadãos em tempos de pandemia.

2.1 MÚSICAS INTERNACIONAIS

A primeira a ser aqui examinada será a canção “Apocalyptical”, do álbum homônimo de 2020, da banda norte-americana de rock industrial²⁸ e alternativo, Puscifer. A letra e a melodia se encaixam perfeitamente nesse trabalho, tendo em vista que ambas são alienantes, metálicas, repetitivas e robóticas, com bombardeio de mensagens direcionadas ao enfrentamento e questionamento da posição das autoridades e dos civis alienados que têm negado a nova realidade imposta pela pandemia.

A referida música é uma espécie de suporte para o seu propósito, em uma atmosfera hostil e irreverente: “Conclusões concretas sejam condenadas / Eles não acreditarão em você até que já seja tarde demais / Vá em frente idiota, ignore a evidência / Deslize até o Armageddon / Tango Apocalíptico / Continue, cabeça para baixo. Ignore a evidência / Enlouquecendo no Armageddon.”²⁹ (PUSCIFER, 2020).

A segunda música é de autoria do clássico de John Lennon. Lançada em 1970, a canção “Isolation” foi regravada em 2020 por um grupo irlandês de Indie Rock³⁰ e eletrônica, chamado Two Door Cinema Club. A letra escrita de forma poética trata das inseguranças e medos que atingem a todos e o medo de estar sozinho. É sobre a tentativa de mudar o mundo de alguma forma, para esquivar-se da solidão que machuca subjetivamente e coletivamente a todos os seres humanos, eximindo-os de culpa e recomendando a união.

Inicialmente gravada com guitarra, bateria e piano, segue uma fórmula do rock clássico, com tons mais baixos e o aumento deles assim que é chegado o refrão. Essa remodelagem foi feita a partir da inserção de diversos elementos eletrônicos, desde distorções em instrumentos e nos vocais que criam uma sonoridade etérea, ao uso de diversos efeitos sonoros que a

²⁸ Baseia-se na mistura dos gêneros do rock com elementos eletrônicos e experimentais em busca de diferentes formas de expressão artística.

²⁹ “Concrete conclusions be damned / They won’t believe you until it’s far too late / Go on, moron, Ignore the evidence / Skid into Armageddon / Tango Apocalyptical / Jog on, Head down. Ignore the evidence / Trippin over Armageddon.”

³⁰ Mistura de inúmeros gêneros das décadas de 1980 e 1990, tais como *post-punk*, rock alternativo e *new wave*.

transformam em uma versão atualizada tecnológica. Propositamente mais agradável e convidativa aos ouvintes iniciantes, retoma o sentimento que antes fora estabelecido e agora clamava por sua redescoberta e reinvenção, produzido no momento mais propício:

As pessoas dizem que conseguimos / Eles não sabem que estamos com tanto medo? /
Isolamento / Estamos com medo de ficar sozinhos / Todo mundo tem que ter um lar /
Isolamento Eu não espero que você entenda / Depois de você ter causado tanta dor /
Mas, novamente, você não é culpado / Você é apenas humano, vítima da loucura.
(LENNON, 1970).³¹

É notório que o homem tem medo da solidão, do afastamento dos demais e da reclusão. Embora isso seja inerente ao ser humano, pode provocar uma espécie de loucura. O fato de estarmos unidos e conectados de uma forma ou de outra, inclusive intermediados pela tecnologia e redes sociais, nos traz um alento e coragem para o enfrentamento das mazelas produzidas pelo invisível e poderoso coronavírus.

A última gravação a ser analisada é a faixa “Keep raving”, do DJ e produtor australiano Wax Motif. Trata-se de uma música eletrônica que consiste na repetição e do aumento dos sonidos graves, motivando ansiedade e explosão dopaminérgica, atingindo o ápice da experiência sensorial do ouvinte. A faixa é chamada “Continue festejando”. É extremamente energética e positiva e o conteúdo reafirma as recomendações de ficar em casa em um clima agradável e prazeroso, ao contrário do medo da solidão. No refrão, a música reforça e repete incansavelmente, como um mantra, os dizeres: “Fique em casa e continue a festejar”³².

Essa produção anuncia que, diante da irreparável situação mundialmente gerada pela pandemia e a recomendação pelos órgãos oficiais de ficar em casa, é melhor ter otimismo para não tornar o ambiente ainda mais fatigante. E, assim como o dito popular, “diante de um problema insolúvel ponha cara boa, que logo passará”.

CONCLUSÃO

Com o encerramento dessa pesquisa, pode-se concluir que a pandemia e o distanciamento social advindos da Covid-19 promoveram o resgate de uma cultura musical para

³¹ “People say we've got it made / Don't they know we're so afraid? / Isolation / We're afraid to be alone / Everybody got to have a home / Isolation” I don't expect you to understand / After you've caused so much pain / But then again, you're not to blame / You're just a human, a victim of the insane”.

³² “Stay inside, keep raving.”

a representação artística atual e mudanças significativas de pontos de vista, assim como na maioria dos outros aspectos da vida dos seres humanos. Os artistas encontraram nessa conjuntura em que os sentimentos aflorados, sobretudo de medos, ameaças, tristeza, solidão e anseios, uma maneira de contribuir para a minimização dessas emoções. Seja por meio de letras e músicas com tons melancólicos, tristes, ou irônicos, ao utilizar trocadilhos, um estilo brasileiro que nos remete à brasilidade dessas canções.

As canções examinadas nessa pesquisa expressam sentimentos manifestados no período de isolamento social, nas redes sociais, nos depoimentos midiáticos, nos contatos face a face, entre outras formas de interação. Como exemplo, é recorrente ouvir da maioria das pessoas a sensação de incertezas, desconsolo e insegurança. A música, especialmente nesse momento, é capaz de contribuir para a identificação de diferentes agrupamentos sociais nos mais diversos territórios do mundo.

Assim, é possível constatar a construção de laços sentimentais afetivos e sociais, ainda que seja por meio do sofrimento causado pela pandemia e, nesse cenário, a música pode contribuir para abreviar o infortúnio em tempos difíceis. Vale lembrar para ilustrar a identificação (como a canção “Isolation”, da banda Joy Division e “Tive notícias”, de Adriana Calcanhotto) e a tentativa de melhorar os ânimos, com músicas mais enérgicas (como as canções “Keep raving” e “Isolation”, de John Lennon).

De uma maneira ou de outra, em nosso estudo observamos pontos de convergência à percepção que tanto os artistas quanto os consumidores passaram a ter sobre a dor do isolamento, as dificuldades de se viver só sem a possibilidade de interação social, e, com efeito, culminou em uma forma artística que tem como significado a criação de laços, o acolhimento emocional e a minimização do sofrimento social a todos os seres humanos. Outro ponto fundamental contemplado nessa pesquisa foi o resgate de produções do passado como uma releitura interpretativa e uma nova roupagem, porém, com a mesma essência. Por fim, pode-se afirmar que a música é uma ferramenta política e social que nesse contexto mundial tão peculiar e sem precedentes pode reduzir as mazelas e as vulnerabilidades, apontando que o altruísmo é possível e é importante alívio para os seres humanos.

Parte final do texto, na qual são apresentadas as conclusões correspondentes aos objetivos ou hipóteses. Na maioria das vezes, retorna-se à ideia apresentada na Introdução, mas com uma ênfase conclusiva.

REFERÊNCIAS

Betty Pfefferbaum, M.D., J.D., and Carol S. North, M.D., M.P.E. **Mental Health and the Covid-19 Pandemic**. www.nejm.org, 2020. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMp2008017>. Acesso em: 03/06/2020.

DAS, Atin; DAS, Pritha. **Fractal analysis of different Eastern and Western musical instruments**. www.worldscientific.com, 2006. Disponível em: <https://www.worldscientific.com/doi/abs/10.1142/S0218348X06003192>. Acesso em: 03/06/2020.

DE CRUCES VILLALOBOS, Francisco. **Las culturas musicales: lecturas de etnomusicología**. Madrid: Alianza Editorial S.A, 2001.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche e a música**. Rio de Janeiro: Imago, 1994. (Série Diversos).

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Tradução de Antonio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

PINTO, Tiago Oliveira. Som e música: Questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 44, n.º 1, 2001.

RUSSEL, George. **Lydian chromatic concept of tonal organization**. 4ª edição. Brookline: Concept Publishing Company, 2001.

SEEGER, Anthony. **Why Suyá sing: a musical anthropology of an Amazonian people**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. Ethnography of Music. In Myers, Helen. **Ethnomusicology - an introduction**. London: The MacMillan Press, 1992.

WEBER, Max. **Os fundamentos racionais e sociológicos da música**. 1ª edição. São Paulo: Ed. USP, 1995.

Músicas brasileiras

ANTUNES, Arnaldo. **Lavar as mãos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CaTXgmHyMSk>. Acessado em junho de 2020.

BAPTISTA, Arnaldo. Navegar de novo In: **Lóki?** Brasil: Philips, 1974.

CALCANHOTTO, Adriana. **O que temos, ninguém na rua e tive notícias**. Disponível em: www.adrianacalcanhotto.com. Acesso em junho de 2020.

VALLE, Marcos. Tiu-ba-la-queiba. In: **Previsão do Tempo**. Brasil: Odeon, 1973.

Músicas internacionais

CURTIS, Ian. Isolation. In: **Closer (Joy Division)**. England: Factory, 1980.

LENNON, John. Isolation. In: **John Lennon/Ono Plastic Band**. England: Apple, 1970.

MOTIF, Wax. **Keep raving**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=g55jEABkPR0>. Acessado em junho de 2020.

PUSCIFER. Apocalyptic. In: **Apocalyptic**. United States of America: Puscifer Entertainment, 2020.